

## Paróquia: povo a caminho

DOM ANDRÉ VITAL<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo aborda as origens bíblicas do termo “paróquia”. No Antigo Testamento os termos correlatos não expressam um conceito, mas uma experiência. A analogia com os termos “peregrino” (ger) e “habitação” (magor) ajuda nesta leitura. O Novo Testamento amplia o sentido da palavra “paroikós” e termos afins (paroikia, paroikeo, paroikós): expressam a peregrinação rumo à pátria definitiva. Por fim, são colhidas as conclusões pastorais da análise semântica partir de documentos recentes do magistério, especialmente a Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium” e o Documento de Aparecida.

**Palavras-chave:** Paróquia; Bíblia; peregrinação;

**Riassunto:** L’articolo affronta le origini bibliche del termine “parrocchia”. Nell’Antico Testamento i termini correlati non esprimono un concetto, ma una esperienza. L’analogia con i termini “Pellegrino” (ger) ed abitazione (magor) ci aiuta a capire questa lettura. Il Nuovo Testamento amplia il senso della parola “paroikós” ed i termini collegati (paroikia, paroikeo, paroikós). Essi indicano il pellegrinaggio verso

1. Dom André Vital é bispo de Limoeiro do Norte e mestre em Teologia Bíblica pela Universidade Gregoriana.

Paróquia: povo a caminho

la patria definitiva. Infine vengono raccolte le conclusioni pastorali dell'analisi semantica in base ai documenti recenti del magistero, in modo speciale l'Esortazione Apostolica "Evangelii Gaudium" ed il Documento de Aparecida.

Parole chiave: Parrocchia, Bibbia, pellegrinaggio.

## Introdução

É muito comum entre nós, eclesiais, pensar a paróquia como uma delimitação geográfico-canônica onde a Igreja se organiza, visibiliza-se na sua estrutura administrativa e pastoral, e garante seu reconhecimento tanto na esfera eclesial quanto civil. Porém, o próprio conceito de paróquia, segundo o Direito Canônico, aponta para uma dimensão muito mais profunda do ponto de vista eclesiológico e pastoral que vai para além de uma circunscrição territorial: "paróquia é uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco como a seu pastor próprio, sob a autoridade do Bispo diocesano" (cân. 515)<sup>2</sup>. Sem adentrar nas discussões de caráter canônico, poderíamos sublinhar dois aspectos fundamentais presentes nessa definição que remontam ao significado primordial do termo paróquia segundo a sua etimologia no horizonte bíblico-teológico.

Afirmando ser a paróquia uma comunidade de fiéis, evoca-se o conceito de povo, e sublinhado a cura pastoral que se deve dispensar a este povo, evidencia-se o seu caráter dinâmico, isto é, ele é um rebanho guiado, conduzido, e, portanto, não se pode pensar um grupo sediado e aprisionado a um espaço delimitado do ponto de vista geográfico.

Paróquia é uma palavra grega (*παρα οικια*, literalmente "ao lado da casa") que, por sua vez, traduz-se por peregrinação (cf. 1Pd 1,17). Peregrinação na tradição bíblica, tanto do Antigo como do Novo Testamento, é um termo de grande densidade simbólico e, ao

2. "Paróquia provém do grego *para-oikia*, ou seja, aquilo que se encontra perto ou ao lado da casa (supõe-se do Senhor, ou seja, da Igreja). A organização paroquial começou a surgir no séc. IV, mas sua estrutura definitiva só se deu no Concílio de Trento" (nota ao cân. 515).

mesmo tempo, de valor teológico indiscutível, pois evoca os primórdios da trajetória do povo de Deus, cujo chamado se dá a partir de Abraão, o grande peregrino da fé, que deve deixar a sua terra, parentela e projetos para ir para a terra que Deus lhe mostrará (ver Gn 12,1). Porém, Abraão nunca deixou de ser um peregrino até o dia que entrou definitivamente na posse da terra, isto é, quando cessou a caminhada com a sua morte<sup>3</sup>.

Marca, também, profundamente a história do povo de Israel, a marcha pelo deserto rumo à terra prometida; é um povo caminhante que muitas vezes é tentado a retroceder diante das incertezas da estrada, mas foi esta a experiência mais decisiva para se constituir como povo de Deus, de um Deus que não está ligado a uma determinada e exclusiva localidade, como os deuses cananeus, egípcios ou babilônicos, mas é um Deus que se faz peregrino também, pois caminha com o seu povo (ver Dt 31,8).

Esse povo peregrino, que busca a posse definitiva da terra para aí se instalar e cessar a sua fadiga de estar sempre a caminho, vai amadurecendo a ponto de tomar consciência de que peregrinar não é uma fase de sua história, mas é o elemento constitutivo da sua identidade e missão enquanto existência terrena. A tradição profética, por sua vez, também ressaltará a condição permanente do povo de Deus como rebanho que precisa ser conduzido; e diante do falimento e infidelidade dos seus condutores, é o próprio Deus quem assumirá a dianteira e será o seu pastor (ver Jr 23,1-6; Ez 34). O Exílio da Babilônia (587-538 a. C.), que representa a insuportável parada forçada do povo de Israel, será paradoxalmente o momento privilegiado para esse mesmo povo reconhecer que, por ter abandonado os caminhos do Senhor, deixou-se escravizar mais uma vez; portanto, é mister refazer o caminho do Êxodo, re-

3. À guisa de ilustração, podemos refazer o percurso geográfico da peregrinação de Abraão (cerca de 2.400km), como testemunha a tradição do Pentateuco, no arco dos seus 175 anos, dos quais 100 foram o período propriamente da sua trajetória guiada por Javé: Ur dos Caldeus (Gn 11,31), Harã (Gn 12,4) Siquém (Gn 12,6) Betel (Gn 12,8); entre Hai e Betel (Gn 12,8), deserto do Negueb (Gn 12,9), Egito (Gn 12,10), deserto do Negueb (Gn 13,1), Betel (Gn 13,3); entre Hai e Betel (Gn 13,3), Hebrom – Carvalho de Mambré (Gn 13,18), Gerara (Gn 20,1), Bersebéia (Gn 20,32), Cariat Arb – Hebrom (Gn 23,1).

Paróquia: povo a caminho

tomar a estrada que o próprio Senhor abrirá no deserto para que o seu povo continue a sua peregrinação (ver Is 43,16-19).

Por sua vez, o povo do Novo Testamento, a Igreja, a comunidade dos que seguem o Mestre itinerante, que não tinha uma pedra para reclinar a cabeça (Mt 8,20), testemunhará essa sua consciência: “Porque não temos aqui embaixo cidade permanente, mas estamos a procura da cidade que está para vir” (Hb 13,14).

Ter presente esta longa experiência de “um povo a caminho”, ajudará a recuperar o sentido mais genuíno e permanentemente atual daquilo que o conceito de paróquia na Bíblia evoca; para além de uma definição teórica que arrisca estagnar-se no tempo e tornar-se obsoleta, “paróquia”, na perspectiva bíblica, indica a dimensão mais dinâmica da experiência do povo de Deus (AT-NT), que constantemente exige renovação e atualização. Contudo, renovar não é apenas a implantação de novas estruturas ou mesmo a otimização de recursos (materiais e humanos), mas exige antes de tudo a fidelidade às origens, cujo percurso não se faz com um retorno arqueológico ao passado, para restaurar estruturas obsoletas, mas a partir da renovação da experiência pessoal e comunitária com Aquele que se fez caminhante, abrindo caminho para a construção da fraternidade rumo à plenitude da vida. Assumindo a condição de peregrino (*paroikeis*), Jesus nos ajuda a construir a verdadeira paroikia, a comunidade do Ressuscitado que no mundo, realizando sua missão em coerência com a sua identidade de povo a caminho.

## 1. Paróquia e o seu campo semântico

Recuperar a etimologia de uma palavra não significa apenas um trabalho de vaidosa erudição ou mesmo de satisfação intelectual, mas é uma das principais exigências para impedir que o termo perca a sua originalidade e, portanto, seu significado fundamental. Mas ao mesmo tempo favorece o desabrochar da sua dinâmica de atualização, já que ainda faz parte do patrimônio semântico da linguagem hodierna. Perder as raízes semânticas de uma palavra é torná-la presa fácil de manipulações ideológicas, podendo até mesmo dar-lhe uma conotação totalmente oposta ao seu significado quando foi concebida.

## 1.1 Antigo Testamento: mais do que um conceito, uma experiência

Como já dissemos, “paróquia” é uma palavra de origem grega, naturalmente não a encontraremos no Antigo Testamento hebraico. Contudo, a Septuaginta (LXX) quando traduziu o verbo hebraico *gur* (גור) por peregrinar, habitar ao lado, utilizou um correspondente (*παροικεω*), e daí todos os derivados (substantivos, adjetivos). Grosso modo, o Novo Testamento seguirá na mesma linha semântica salvaguardando os aspectos próprios da experiência das primeiras comunidades cristãs, cuja marca é a fé pós-pascal.

A difícil tarefa de traduzir uma língua está para além de encontrar um termo correspondente que indique teoricamente o seu valor semântico, mas é imprescindível na tradução levar em conta os vários contextos onde se inserem as palavras nas suas várias conotações e aplicações conjunturais. O verbo hebraico *gur* é traduzido muitas vezes por “morar como peregrino”, “residir temporariamente<sup>4</sup>”, onde aparecem paradoxalmente dois aspectos: permanecer e peregrinar. Aparentemente pode parecer contraditório admitir simultaneamente a ideia estática de fixar-se num local e, ao mesmo tempo, ser peregrino, caminhante. Mas geralmente no paradoxo reside a verdade, pois a aparente contradição provoca abertura de mente para perceber a complexidade das mais variadas dimensões de uma determinada realidade, que vista numa perspectiva única arriscaria ser empobrecida do ponto de vista semântico, deixando de lado suas várias conotações complementares.

Da raiz hebraica do verbo *gur*<sup>5</sup> derivam alguns termos que configuram um riquíssimo campo semântico, pois além de indicar as suas variantes denotativas, remete-nos a contextos onde a raiz de base se insere. Primariamente, esse verbo hebraico denota a condição de pessoas que vivem fora do seu ambiente familiar, entre pes-

4. No hebraico bíblico o verbo *gur* aparece cerca de 84 vezes. E a primeira ocorrência está em Gn 12,10 וַיְהִי רָעָב בְּאֶרֶץ וְיִרְדּוּ אַבְרָם מִצְרַיִם לָגוֹר שָׁם  
“E “aconteceu” carestia na terra e desceu Abrão ao Egito para lá *peregrinar*” (*lagur*).

5. ARCHER, Gleason; HARRIS, R. Laird; WALTKE, Bruce K, גִּוֵּר, in *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, 1998, p. 254.

soas que não são parentes de sangue e, por isso, não desfrutam dos direitos civis que são próprios aos nativos, mas são absolutamente dependentes da hospitalidade de outrem, uma característica importante dos povos antigos. Destacamos apenas dois termos-chave:

**Peregrino:** (*ger*) também traduzido por estrangeiro ou estranho, aparece cerca de 92 vezes. Porém, deve-se ressaltar que “peregrino” é mais do que um simples estrangeiro (*nakri*) ou mesmo um estranho (*zar*)<sup>6</sup>. Dependendo do contexto, peregrino é alguém que possui uma cidadania em outra terra, mas que por força das circunstâncias (perseguição, fuga, necessidade etc; cf. Ex 22,21) torna-se um residente permanente (Ex 2,22)<sup>7</sup>. Mesmo buscando ser aceito em terra estrangeira, o peregrino não tinha direito legal de adquirir terra. Por exemplo, em Canaã a posse da terra era restrita aos membros pertencentes às tribos locais e aos seus descendentes, pois só eles tinham direitos naturais e legalmente reconhecidos para o desfrute pleno<sup>8</sup>. Equiparado ao peregrino (*ger*) era o sacerdote (*kohen*) pois ambos, em Israel não podiam ter terra por isso era obrigação dos que possuíam terra: “A cada três anos tomarás o dízimo da tua colheita no terceiro ano e o colocarás em tuas portas. Virá então o levita (pois ele não tem parte nem herança contigo), o estrangeiro, o órfão e a viúva que vivem nas tuas cidades, e eles comerão e se saciarão. Deste modo Iahweh teu Deus te abençoará em todo trabalho que a tua mão realizar” (Dt 14,28-29). Parece que a inclusão dessas categorias de pessoas numa mesma condição não é por acaso, mas entre elas há um elemento comum: não possuem terra e, por isso, dependem de outrem. Mesmo sendo considerado um estrangeiro, o peregrino não israelita devia ser tratado como israelita, exceto nos privilégios e responsabilidades feudais. Entre o povo de Deus todos estão na mesma condição de direito e deveres diante do Senhor (Lv 17,15; 19,34; 24,22; 25,6; Dt 10,18). Apesar de o termo se aplicar especificamente ao peregrino (estrangeiro), Israel admite que é um povo peregrino pois o Senhor é o único

6. Botterweck, G. Johannes (org.), *Grande lessico dell'Antico Testamento*, vol. 1, 1988, p. 1999.

7. Significativa a etimologia do filho de Moisés (Gersam: גֵרְשָׁם “peregrino em terra estrangeira”).

8. DE VAUX, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, 2003, p. 201.

dono da terra (Lv 19,34; Dt 10,19). Por conseguinte, mesmo tendo conquistado a terra, o Povo de Israel continua peregrino, uma vez que a terra é de propriedade do Senhor (Lv 25,23).

**Habitação:** (*magor*) este termo pode ser traduzido também por peregrinação. Aqui, mais uma vez, dois conceitos aparentemente opostos (habitar-peregrinar) se unem. Contudo, numa perspectiva realista, se complementam, pois aquele que peregrina necessita de habitação, caso contrário não encontrará forças para continuar o caminho. A habitação tornar-se-á uma parada estratégica para poder prosseguir a estrada. O termo aparece apenas na sua forma plural (*m<sup>g</sup>úrím*) cerca de 11 vezes; é a palavra usada para referir-se aos vários locais nos quais os patriarcas Abraão, Isaac e Jacó se instalaram provisoriamente enquanto peregrinavam (Gn 17,8; 36,7)<sup>9</sup>. Outras atestações na literatura sapiencial (Jó 18,19; Sl 119,54) servem de metáfora para indicar a transitoriedade da vida humana e a sua absoluta dependência de Deus; abre-se assim a perspectiva de uma esperança de vida futura, como mais tarde a Carta aos Hebreus irá fazer a releitura da história de peregrinação dos antigos patriarcas (Hb 11,9-10.13-14.16).

## 1.2 Novo Testamento<sup>10</sup>: peregrinação rumo à pátria definitiva

Sem distanciar-se essencialmente daquilo que foi dito do ponto de vista semântico no Antigo Testamento<sup>11</sup>, a palavra paróquia e seus correlatos no horizonte neotestamentário delineiam um campo muito rico de reflexão e inspiração para uma hermenêutica aplicada aos tempos de hoje. Diante de tendências reducionistas urge recuperar o sentido original dos termos como também a sua

9. VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; WHITE Jr., Willian, Habitação, In *Dicionário Vine. O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*, 2006, p. 228.

10. Mesmo que o nosso interesse agora seja a análise semântica dos termos no horizonte do Novo Testamento, somos obrigados a fazer muitas referências à Septuaginta visto que esta é a versão veterotestamentária mais utilizada pelos autores do Novo Testamento.

11. Na LXX a palavra aparece cerca de 16 vezes.

Paróquia: povo a caminho

longa tradição cuja dinâmica fundamental impede de tornar a raiz da sua concepção imprópria ou mesmo inadequada para as exigências eclesiais hodiernas.

**Paróquia**<sup>12</sup>: etimologicamente é uma palavra grega formada por dois elementos semânticos: *para* (*παρα*) preposição que fundamentalmente indica proximidade (perto, ao lado), dependendo da combinação com o caso que segue. Em palavras compostas, como é o caso de paróquia, indica vizinhança tanto em sentido físico quanto metafórico<sup>13</sup>. O outro elemento *oikia* (*οικία*)<sup>14</sup>, dependendo do contexto, pode significar tanto a casa no sentido físico, a residência concreta (Mt 2,11; 26,6; At 4,34; 18,5.7; 2Jo 10), mas também em sentido figurado, como por exemplo a morada de Deus (Jo 14,2), o corpo como habitação da alma (2Cor 5,1). Ademais, o termo pode indicar também a família, o lar (Mt 10,13; 12,25; Jo 4,53; At 16,31; 1Cor 16,15), e, inclusive metonimicamente, as posses, os pertences de alguém (Mt 23,14).

Partindo dessa gama de significados dos seus elementos de base, a palavra composta pode ser traduzida tanto como residência estrangeira, como indicar, numa perspectiva mais dinâmica, a transitoriedade da permanência como estrangeiros. Portanto, dois aspectos subjazem ao termo: a residência estrangeira e a condição de estrangeiro. Nos Atos dos Apóstolos, Paulo diante dos Judeus afirma que a fase dos primórdios da história de Israel como povo, seu crescimento, é marcada justamente por uma experiência de permanência em terra estrangeira: “O Deus deste povo, o Deus de Israel, escolheu a nossos pais e fez crescer o povo durante o exílio da terra do Egito” (“καὶ τὸν λαὸν ὕψωσεν ἐν τῇ παροικίᾳ ἐν γῆ Αἰγύπτου” At 13,17). Atesta-se também o valor figurativo do termo aplicado à condição do cristão que nesse mundo vive como estrangeiro, ou seja, que ainda permanece peregrino no tempo (*chronos*) rumo à eternidade (1Pd 1,17).

Além do substantivo paróquia com todas as suas variantes

12. Balz, Horst; Schneider, Gerhard, *παραοικία*, Dicionario Exegetico del Nuevo Testamento, vol II, 1998, p. 794.

13. Há uma série de verbos compostos com *para*, por exemplo: *parakathidzo* (sentar-se ao lado) e *parakaleo* (chamar para perto (figurado: invocar, suplicar)).

14. Há também uma forma masculina correspondente (*οικος*).

semânticas como vimos, o grego também possui um verbo com a mesma raiz morfológica e semântica: Paroikeo (*παροικεω*) sem nenhum correspondente no português que conserve esses mesmos elementos<sup>15</sup>. Já na LXX esse verbo era técnico e aparece cerca de 60 vezes para designar os estrangeiros residentes em Israel e, portanto, sem direitos de cidadania como também os israelitas que viviam no estrangeiro (Gn 12,10; 19,9; Ex 6,4). A septuaginta também utiliza o verbo *parepidemos* (*παρεπιδημος*) para indicar uma condição de permanência por pouco tempo num lugar estrangeiro (Gn 23,4). Etimologicamente esse verbo se distingue do paroikeo porque é ao invés de *oikia* (casa) encontramos *demos* (*δemos*: povo)<sup>16</sup>. Portanto, não é só o aspecto topográfico, de estar fora do seu habitat, mas sublinha-se, também, a distinção como povo estrangeiro.

No mesmo campo semântico encontra-se a palavra *paroikós* (*παροικός*), que aparece cerca de quatro vezes no Novo Testamento, e tem o mesmo sentido da LXX (tradução do hebraico *ger* e *tosab*) onde aparece cerca de 30 vezes. Nas duas vezes que aparece no discurso de Estêvão (At 7,6), como adjetivo, qualifica a descendência (grego: *σπερμα*) de Abraão como residente em terra estrangeira (*τὸ σπέρμα αὐτοῦ πάροικον ἐν γῆ ἄλλοτρίᾳ*). Ainda no discurso de Estêvão (At 7,29), encontramos como substantivo para dizer que Moisés, tendo fugido do Egito, foi *paroikos* na terra de Madiã.

A aplicação do termo feita por Paulo também é muito significativa. Em Ef 2,19 *paroikoi* é dito dos cristãos vindo do paganismo que, uma vez batizados, “não são mais estrangeiros nem hóspedes, mas concidadãos dos santos” (*Ἄρα οὖν οὐκέτι ἐστὲ ζένοι καὶ πάροικοι ἀλλὰ ἐστὲ συμπολίται τῶν ἁγίων καὶ οἰκεῖοι τοῦ θεοῦ*).

Por fim, a afirmação que se faz em 1Pd 2,11 de que os cristãos são peregrinos e forasteiros (*ὡς παροίκους καὶ παρεπιδήμους*) no mundo, está em consonância com uma compreensão muito difundida em outras tradições neotestamentárias, que acreditam que os

15. Mesmo que no português haja o verbo paroquiar, este não tem o mesmo significado que no grego, pois não tem nada a ver com a administração paroquial em termos canônicos.

16. Brown, Colin; Coenen, Lothar, *παρεπιδημοσ'*, in *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, vol. 1, 2000, p. 748.

cristãos vivem em condição escatológica e, portanto, permanentemente na expectativa de uma nova terra e um novo céu (Fl 3,20; Ap 21,1). Vale salientar que os diversos termos afins (*paroikia*, *paroikeo*, *paroikós*) aparecem sempre no Novo Testamento com uma referência ou citação referente à história de Israel<sup>17</sup>. Portanto, a necessidade de considerar a unidade da Escritura (AT-NT) para melhor compreender a origem e evolução semântica dos termos.

Considerando que a ideia que perpassa todo o campo semântico analisado condensa a experiência dinâmica da peregrinação, naturalmente não poderíamos deixar de lado um outro termo presente na Sagrada Escritura que está muito ligado à *paroikia*, mesmo não tendo relação morfológica. Pois é impossível pensar numa peregrinação, sem um caminho.

**Caminho:** tanto no hebraico (*derek*)<sup>18</sup> como no grego (*hodos*) bíblicos esta palavra tem várias conotações. No Antigo Testamento, pode significar desde estrada, caminho, via principal (Gn 3,24; 16,7; 38,21), como também a distância percorrida entre localidades (Gn 30,36). Ademais, muito frequente é o seu uso metafórico: modo de ser, conduta, condição e destino (Dt 28,29; Is 58,13). Vale salientar que essa variedade de significados indica uma evolução de concepção fruto de uma experiência, isto é, de uma compreensão estática descritiva de uma delimitação topográfica (Ex 13,17; Dt 1,2), passa-se a uma compreensão mais dinâmica como processo da viagem (Ex 13,21; 1Rs 19,4), inclusive o modo de ser e atuar do ser humano (Pr 30,19) ou mesmo dito do *modus operandi* de Deus (Ez 18,25-29; Is 55,8)<sup>19</sup>. A metáfora do caminho é muito ilustrativa para compreender a vida no seu dinamismo mais fundamental pois tanto o caminho quanto a existência humana têm elementos em comum, ou seja, condições básicas que não podem ser mudadas.

No Novo Testamento, de modo semelhante ao Antigo, caminho (*hodos*)<sup>20</sup> pode ter tanto um significado concreto como fi-

17. At 17,6 com Gn 15,13; At 7,29 com Ex 2,15; At 13,16 com Ex 6,16; Hb 11,9-10 com Gn 23,4.

18. *Derek* aparece cerca de 706 vezes em todo o Antigo Testamento.

19. Berlejung, Angelika; Frevel, Christian, Caminho, in *Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*, 2011, p. 126.

20. A palavra aparece 101 vezes no NT, predominantemente nos escritos narra-

gurado (1Cor 4,17; Rm 11,3); serve de indicação de tempo (Lc 2,44), até chegar a ser aplicado à vida dos cristãos (At 9,2; 19,9.23; 24,14.22). Os evangelhos sinóticos também estruturam o seu esquema traçando um caminho de Jesus (da Galileia para Jerusalém), que por sua vez, não tem apenas finalidade informativa de jornada percorrida, mas de caminho de entrega de vida até a morte. Jesus, que se faz caminhante, propõe aos seus discípulos também seguirem os seus passos, logo, fazerem o seu caminho (Mc 8,31-34). Na Carta aos Hebreus o hagiógrafo apresenta o sacrifício de Cristo como abertura de um caminho de acesso a Deus, em outras palavras, Jesus abriu um caminho de relacionamento direto com Deus (Hb 9,8; 10,19). Na cristologia joanina Jesus também é apresentado como o caminho para o Pai (Jo 14,1-4), comparado à escada de Jacó, símbolo do acesso da terra ao céu (Jo 1,52; cf. Gn 28,10-17). Nessa perspectiva, a vida do cristão é concebida como um caminho para a comunhão, que por sua vez, supõe construção da comunidade. Se por um lado a identidade da comunidade do Ressuscitado se define como *paroikia* (ao lado da casa, peregrinação), a sua missão no mundo pode ser indicada como uma *oikodome* (construção da casa). Ambos os termos têm algo em comum (*oikia*) casa, que em sentido metafórico, pode ser aplicado à convivência humana, à família, à Igreja cuja característica fundamental da relação é a fraternidade.

**Oikodomeo** (*οικοδομew*) é um verbo formado por dois elementos (*oikos*: casa, *demo*: construir); na LXX é a tradução do verbo hebraico *banah*<sup>21</sup> utilizado muitas vezes para falar da ação de Deus que reedifica o seu povo (Jr 30,18; 31,38), cuja finalidade é guiar os povos para a comunhão do povo de Israel, este será o definitivo processo de edificação (Jr 12,16). Portanto, um conceito riquíssimo para aprofundar o significado de paróquia, pois o substantivo *oikodome* (construção)

---

tivos, onde se sobressai na obra lucana que perfaz 1/3 das ocorrências.

21. No hebraico bíblico aparece cerca de 375 vezes. Significa basicamente construir, fazer, edificar e inclusive formar (usado na narração da formação de Eva da costela de Adão Gn 2,22, muito significativo pois será a mesma expressão para traduzir as palavras de Jesus no anúncio: “sobre esta pedra edificarei a minha igreja” Mt 16,18).

Paróquia: povo a caminho

aparece três vezes nos sinóticos<sup>22</sup>, que além do significado concreto também aparecem com matizes eclesiológicas (Mc 12,10; 14,58; Mt 16,18; Jo 2,19), nas Cartas do Novo Testamento as onze vezes<sup>23</sup> que aparece o verbo estão sempre inseridas em contexto eclesiológico do qual recebem o significado. Muito significativo é o uso que Paulo faz do substantivo em 1 Cor 3,9: “Nós somos cooperadores de Deus, e vós sois a seara de Deus, o edifício (*oikodomé*) de Deus”. Ademais, quando Paulo usa o termo construção no sentido de processo de edificar está sempre se referindo à Igreja<sup>24</sup>. Nos Atos dos Apóstolos (20,32) encontramos que Deus e a sua Palavra são o sujeito da edificação. Pois é Deus quem realiza a construção da Igreja (At 9,31).

Estamos conscientes de que não tratamos exaustivamente o nosso tema, pois o campo semântico de uma palavra descortina um horizonte sem fronteiras, sobretudo quando se trata de conceitos densos tanto do ponto de vista histórico, se quisermos fazer uma abordagem diacrônica, quanto de teologicamente falando. Contudo, mesmo que incipientes, as reflexões feitas até agora nos ajudam a propor uma conclusão sem colocar um ponto final. Considerando a longa trajetória do conceito de paróquia e seus correlatos, apenas aqui acenados, como poderíamos falar hoje de uma paróquia renovada? Será que o primeiro passo para se alcançar a tão desejada e urgente renovação da paróquia é reformular as estruturas otimizando-as segundo as demandas da sociedade hodierna? Ou deveríamos recuperar o seu significado original, sem cair em anacronismos, para perceber que há já em si uma força (*dynamis*) renovadora?

## Conclusão:

**Paroikia: uma instituição a ser renovada ou um caminho que provoca constante renovação?**

A Igreja no Brasil nos últimos anos tem dedicado uma merecida atenção ao tema da necessidade de repensar a paróquia, sobretudo os

22. Mt 24,1; Mc 13,1.2 referências às construções do Templo.

23. Rm 15,20; 1Cor 8,1.10; 10,23; 14,4<sup>a</sup>.b.17; Gl 2,18; Ts 5,11; 1Pd 2,5.7.

24. Rm 14,19; 15,2; 1Cor 14,3.5.12.26; 2Cor 12,19.

últimos estudos e documentos<sup>25</sup> da CNBB têm se debruçado sobre a questão. Contudo, a necessária renovação não depende apenas de uma adequada reestruturação, mas urge uma verdadeira conversão pastoral como propõe Aparecida<sup>26</sup> e insiste o Papa Francisco. Indubitavelmente, o ponto central de uma verdadeira renovação está na decisão de voltar às fontes e recomeçar a partir de Jesus Cristo<sup>27</sup>, pois não podemos pensar uma comunidade (Igreja) que não seja *paróquia*, isto é, povo peregrino e, portanto, sempre em saída<sup>28</sup> porque tem uma missão a realizar; esta missão não é uma opção a mais, mas o transbordamento da sua identidade de anunciadora da Boa Nova da Salvação. Nesta sua peregrinação permanente, a Igreja, como sempre aconteceu com o Povo de Deus, precisa de paradas estratégicas, pois o só poderá realizar a sua missão ad extra se crescer na sua identidade e, por isso, precisa ser casa de iniciação à vida cristã, onde redescobre a centralidade da Palavra de Deus e reanima as forças para o testemunho cujo ápice será o serviço da vida plena para todos<sup>29</sup>.

É evidente que faz-se necessário considerar que a paróquia está para além de uma circunscrição jurídico-territorial, mas não podemos prescindir desse aspecto, pois é algo natural da experiência humana histórica localiza-se num tempo e num espaço. Na paróquia se visibiliza a comunhão eclesial, é a Igreja universal nas suas expressões concretas<sup>30</sup>. A própria Lei da Igreja reconhece que o conceito de paróquia ultrapassa delimitações geográficas<sup>31</sup>, por outro lado, o princípio hermenêutico da encarnação do Verbo, que se fez carne e habitou entre nós, sublinha a necessidade de realidades mais concretas e localizadas para que o anúncio se realize de modo eficaz. Por isso o território é um elemento integrante, necessário, mesmo não sendo essencial nem determinante, pois há casos especiais segundo as necessidades pasto-

25. CNBB. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*. São Paulo: Paulinas, 2014. (Col. Documentos da CNBB 100).

26. DAp n. 370.

27. CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019*, cap. I.

28. EG n. 20.

29. CNBB, *op. cit.*, cap. III.

30. CL n. 26.

31. cân 518.

rais. A paróquia é antes de tudo comunidade, uma das finalidades da peregrinação, da edificação da Igreja, como lembramos há pouco. Por isso, reitera-se que considerar a paróquia apenas como uma circunscrição territorial administrativa da diocese ou mesmo simples lugar de culto, é uma concepção desencontrada com a própria eclesiologia, sobretudo do Vat II e também inconsistente do ponto de vista da Tradição bíblica. A paróquia é essencialmente uma porção do Povo de Deus, uma comunidade de fieis, mas que necessita de uma constituição estável no âmbito da Igreja particular<sup>32</sup>. É um povo permanentemente peregrino, mas ao mesmo tempo provisoriamente residente. E nesta tensão, a experiência de ser paróquia em constante renovação, sobretudo na consciência de sua identidade de povo peregrino e na sua missão de prolongar no tempo e no espaço a obra da salvação iniciada por Jesus, a quem os discípulos de Emaús perguntam: “És tu o único peregrino em Jerusalém” (Lc 24,18). Muito significativo que o termo grego é  $\pi$  (*parokeis*), de novo voltamos ao mesmo campo semântico. Portanto, é o *parokeis* por excelência que nos ensina a recuperar a dinâmica da peregrinação, e assim não deixarmos esclerosar a experiência que denominamos paróquia. Para isso é preciso, antes de tudo, que a nossa peregrinação seja alimentada pela memória de Jesus que se conserva e transmite em três âmbitos irrenunciáveis: **liturgia, kerigma, práxis**<sup>33</sup>.

**Liturgia cristã:** desenvolveu-se através da progressiva tomada de consciência por parte da comunidade judeu-cristã primitiva de sua própria novidade em relação à liturgia judaica, que num primeiro momento era seguida também pelos cristãos (At 2,46; 21,23-26). Mesmo, no início, seguindo o sistema judaico, os cristãos praticavam dois ritos diferentes: o batismo em nome de Jesus e a fração do pão (evangelhos, Atos e Paulo). Na liturgia, cujo ápice é a celebração do Mistério Pascal, a paróquia renova a sua consciência do que é (Eucaristia) e do que deve realizar (Batismo), pois a liturgia é o lugar da memória do que Jesus tinha feito (a ceia) e do que tinha mandado fazer (o batismo).

**O Kerigma:** é o anúncio missionário da salvação em Jesus,

32. CHIAPPETTA, L, *Il Códice di Diritto Canonico. Comento giuridico-pastorale. Libri I-II*, 1996, p. 653.

33. Segalla, Giuseppe, *Panoramas del Nuevo Testamento*, 1994, p. 389s.

pregado pelos apóstolos (At 2;3;10) e por Paulo, missionário das nações gentias. No centro do kerigma está o *anúncio da morte-resurreição de Jesus* como fato salvífico, anunciado já anteriormente no AT (1Cor 15,3-5). Também aqui está presente, em síntese, a memória viva de Jesus em vista da salvação. A paróquia que não anuncia trai a sua vocação de Povo que testemunha a experiência de Salvação. O anúncio não é exigência do que os outros devem fazer, mas testemunho do que Deus faz pelo seu povo.

**Práxis:** *parénesis* ou *paráclesis*, como parte da catequese e como resposta ao convite de Jesus e dos discípulos no kerigma: convite à conversão radical (*metanoia*). Sobre esta parénesis se fundamenta a práxis ou o caminho cristão, modelado no seguimento de Jesus e nos seus ensinamentos éticos contidas sinteticamente no sermão da montanha (Mt 5-7) e aplicadas em seguida pelos apóstolos às novas situações que surgiam na comunidade. A paróquia como povo a caminho não pode passar pelo mundo de modo imperceptível, mesmo aguardando a cidade que a de vir, o seu caminho se faz pela cidade que já está aí. Portanto, deve ter força de transformação, este será também o serviço de caridade que deve prestar á humanidade.

O grande desafio para a compreensão mais adequada da paróquia e, conseqüentemente, uma práxis mais coerente, é corrigir a tendência de pensá-la como força centrípeta, atraindo para si, caindo na tentação de ser autorreferencial<sup>34</sup>; o que contradiz escandalosamente o seu significado etimológico (ao lado, fora), base para a sua compreensão teológico-pastoral. A paróquia tem em si essencialmente um dinamismo centrífugo, para fora, “em saída”. Nesse aspecto relaciona-se perfeitamente com o termo *ekklesia* (*ἐκκλησία*), palavra grega que composta de *ek* (*εκ*): preposição que indica movimento para fora, e o verbo *kaleo* (*καλεω*) chamar, poderia ser considerado correlato do substantivo sinagoga que quer dizer ir junto<sup>35</sup>.

Enfim, paróquia é mais do que um conceito a ser reformulado, ou descartado, mas um desafio a ser assumido, recuperando sua matriz bíblica original e reconhecendo no aqui e agora como ser povo de Deus que caminha habitando em terra estrangeira.

34. EG n. 95

35. Poderia ser considerado correlato do substantivo sinagoga que quer dizer ir junto (*sun* junto, *agw*: ir).

Paróquia: povo a caminho

## Referências

- V CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO DA AMERICA LATINA E DO CARIBE. *Documento de Aparecida. Aparecida/SP*, 13-31 de maio de 2007. São Paulo; Brasília: Paulus; Paulinas; Ed. CNBB, 2007.
- ARCHER, Gleason; HARRIS, R. Laird; WALTKE, Bruce K. אָר. In *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- Balz, Horst; Schneider, Gerhard. א. *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento, vol II*. Salamanca: Sigueme, 1998, p. 794.
- Berlejung, Angelika; Frevel, Christian. Caminho. In *Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola; Paulus, 2011, p. 126.
- Botterweck, G. Johannes (org.). *Grande lessico dell'Antico Testamento, vol. 1*. Brescia: Paideia, 1988.
- Brown, Colin; Coenen, Lothar. אָר. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, vol. 1*. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 748.
- CHIAPPETTA. L. *Il Codice di Diritto Canonico. Comento giuridico-pastorale. Libri I-II*. Roma: Dehoniane, 1996.
- CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 1992.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2015-2019*. São Paulo: Paulinas, 2015. (Col. Documentos da CNBB 102)
- \_\_\_\_\_. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*. São Paulo: Paulinas, 2014. (Col. Documentos da CNBB 100)
- DE VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica "Evangelii Gaudium"*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- JOÃO PAULO II. *Exortação apostólica "Christifideles Laici"*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- Segalla, Giuseppe. *Panoramas del Nuevo Testamento*. Navarra: Verbo Divino, 1994.
- VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; WHITE Jr., Willian. Habitação. In *Dicionário Vine. O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 228.